

CORAÇÃO DE MÃE

Uma página de "Il Cuore", de Edmondo de Amicis, encarna-se num doloroso fato real no Brasil. A estória do coração materno que, arrancado do peito pelo filho ingrato, ainda vela por ele, torna-se história entre nós. Chico Xavier, ao enviar-nos a mensagem abaixo, de Maria Dolores, para ser publicada no "Dia das Mães", conta-nos o seguinte, ocorrido dia 25 de abril de 1972, em Uberaba:

"Uma senhora triste abeirou-se de nós e declarou-se em grande provação moral. Lamentou a própria viuvez e disse ser mãe de filho único, atualmente dono de fina cultura intelectual. O filho, depois de altamente colocado, usando procuração que ela própria lhe confiara, conseguiu subtrair-lhe todos os bens, banindo-a do sítio próspero que ela ocupava com antiga companheira de serviço. Reduzida a extremas necessidades, virou-se obrigada a empregar-se como doméstica. Mas, embora tudo isso, profundamente amargurada, não condenava o filho que ama tanto."

"Conquanto nos narrasse a própria situação, só falava nele com palavras de bênção, secundadas de dor moral."

"Por fim, pedia ao espírito de Maria Dolores, a generosa poetisa desencarnada, que lhe desse algumas palavras de consolo."

"Confesso-lhe que muito me comovi com a história daquela mãezinha generosa e sofredora. E, com alegria, ao fim de nossa reunião, recebi a página que lhe envio."

Maria Dolores 39

Um Aparte da Vida

Escuta, alma querida,
Se alguém te menospreza o coração
Ou te amarfanha a vida
A pancadas de injúria e de aflição...
Acaso, se a pessoa
A quem o teu amor mais profundo se eleva,
É aquela que te espanca ou te atraíça,
Procurando envolver-te em lufadas de treva...

Se o laço mais querido, porventura,
Contra o teu próprio peito às súbitas se lança,
A constri-te em garras de amargura,
Buscando aniquilar-te a mais bela esperança...
Não nutras no caminho a mágoa por escolta,
Recobre a própria chaga entre bênçãos e preces,
Não retenhas em farpas de revolta
O mal que não mereces.

Aquele, que te humilha,
Desconhece, ainda mesmo que o perdões,
Que articula no tempo trágica armadilha
Que o colherá depois.
Coração que te ofende, ignora, no fundo,
Por mais nobre se diga e por nobre se acate,
Que mais problemas soma a si mesmo no mundo,
Ante as leis do resgate.

Raciocinando, assim, sob a verdade pura,
Não troques fel por fel nem reprovos em vão
Quem, na Terra, ao invés de reproche ou censura,
Precisa muito mais de olvido e compaixão.
Lembra-te de Jesus... Ama, serve e auxilia,
Não ajuntes contigo espinhos onde estás,
E onde a vida te leve, hás de ser, dia a dia,
Uma fonte de amor e uma bênção de paz.

Quando a Vida Aparteia

Este aparte do Além nos diálogos da Terra, como bem o classificou Maria Dolores, é um aparte da Vida. Os versos da poetisa nada mais fazem do que oferecer palavras de consolação à mãe aflita que, no Dia das Mães, chora a sua dracma perdida, o filho que se deixou transviar nos caminhos do mundo. O episódio relatado na carta de Chico Xavier é um aparte de angústia nos diálogos felizes do dia em que os filhos presenteiam as mães. É um fato social que se destaca entre os outros *como um objeto*, segundo a definição de Durkheim, ferindo a nossa sensibilidade como uma verdadeira cutilada.

É por isso que a *estória* de Amicis, em sua fabulação poética, transforma-se em *história* na vivência de uma família brasileira. Esse coração de mãe, que abençoa o filho ingrato, mesmo depois de arrancado do peito, já não é um símbolo, mas um órgão vivo que pulsa em carne e sangue. A mãezinha sofredora, que buscou a consolação espiritual, com as mãos vazias dos bens terrenos, contando seu drama ao médium, foi atendida pela poetisa do Além. E esta soube indicar-lhe os rumos do comportamento certo, aprovando-lhe a conduta materna de perdão e amor.

Note-se que a tonalidade poética da resposta é atenuada pelo esforço de consolar. Os recursos poéticos de Maria Dolores não brilham nesse poema, através das imagens habituais, porque a objetividade do fato social esmagou a sen-

sibilidade e a imaginação da poetisa. Temos no caso um típico *momento de angústia*, um instante de terror kierkegardiano em que as Musas se calam diante da realidade existencial implacável. A poetisa emudece para que fale a paixão.